

Quebrado outro tabu: uma mulher se elege ao Senado

Coube, mais uma vez, a uma mulher do Rio Grande do Norte quebrar mais um tabu. Dona Maria das Neves Lucena é a primeira brasileira a ser eleita para o Senado Federal. Ocupará uma suplência, mas tudo indica que irá exercer o mandato por algum tempo.

O Rio Grande do Norte já tinha tido a primazia de fazer a primeira eleitora no Brasil, a primeira prefeita (na cidade de Açu); a primeira Reitora (em Mossoró); e a primeira Irmã Marista (Almira do Amaral, em Natal).

A candidatura de Dona Maria das Neves, (tratada na intimidade por Nevinha) não foi uma decisão inesperada. A eleição, sim, causou surpresa, pois ninguém esperava que seu companheiro de chapa, Agenor Maria, um ex-marinheiro, cheio de tatuagens e sem muita cultura, vencesse o notável deputado Djalma Marinho.

Esposa do deputado Pedro Lucena, o segundo mais votado em seu Estado nas últimas eleições, Dona Maria das Neves vinha amadurecendo a idéia de entrar definitivamente na política, trabalhando ("sem remuneração"), como secretária de seu marido, para quem redigia toda a correspondência e anotava os debates dos principais temas levados ao plenário da Câmara. Com ele analisava projetos, discursos e esquemas políticos, especialmente do Rio Grande do Norte.

Ao contrário do que muitos podiam pensar, quando assumir o mandato ela não sofrerá muitos dos percalços que martirizam o parlamentar de primeira Legislatura. A vivência na Câmara proporcionou-lhe o conhecimento não só da engrenagem do Congresso, mas, e principalmente, dos meandros da política.

Dessa forma, chegará ao Congresso com absoluta segurança do que tem a fazer.

Sua campanha foi das mais difíceis. Logo no início seu marido, candidato à reeleição, sofreu um derrame cerebral e ficou hospitalizado até o fim (no momento ele está em convalescença em sua residência). A partir daí Dona Maria das Neves assumiu o comando da campanha e deu início ao que ela chamou de a "grande maratona", pois foi necessário viajar mais do que o previsto. Em uma ocasião chegou a passar mais de 15 horas, de pé, em cima de um caminhão (o "Caminhão da Esperança"), fazendo discursos e dando entrevistas em várias cidades.

O sacrifício foi recompensado e agora ela já cuida dos temas que tratará no Senado como, por exemplo, educação, saúde, justiça social e participação da mulher na vida pública.

É católica, contra o divórcio, mas o admite para os que se casam apenas no Civil; condena o aborto induzido, quer acabar com a divisão do seu Partido entre "autênticos" e "moderados" e poderá candidatar-se a governadora do Rio Grande do Norte.

Nessa entrevista ela explica suas posições.

P — Se a Senhora assumir a cadeira de senador, dará prioridade a quais temas?

R. — Educação, família, paz, saúde, justiça social, conscientização do valor da mulher, necessidade de sua maior participação na vida política, social, econômica e cultural no Estado e no País.

P. — A Senhora está ligada a algum movimento feminista? Como encara esses movimentos?

R. — Não. Como decorrência natural da evolução do mundo moderno, onde a mulher apercebeu-se de sua capacidade no desempenho de todas as atividades que antes eram só privilégios dos homens.

Mas sou favorável a qualquer movimento feminista, desde que não se chegue ao exagero de masculinização da mulher, de total igualitarismo.

P. — Qual deverá ser o comportamento da Oposição, agora fortalecida e, portanto, com mais responsabilidades?

R. — Em primeiro lugar a Oposição deverá se unir, diluindo-se todas as divergências internas, acabando-se com a divisão de "autênticos" e "moderados". E não abdicando de sua ação fiscalizadora, deverá colaborar como Governo, não lhe negando apoio às iniciativas que se destinem a impulsionar o progresso, a oferecer possibilidade de trabalho, a gerar riquezas e a garantir a paz.

P. — Por que a Senhora não se candidatou a titular de uma cadeira de Senador, ao invés de suplente?

R. — Por que meu marido e eu já havíamos assegurado que, só na ausência de nome masculino eu me candidataria. Como surgiu um candidato, ficamos desobrigados do compromisso.

P. — Como se desenvolveu a campanha?

R. — Sempre ao lado de meu marido, Deputado Federal Pedro Lucena e candidato a reeleição. Sempre alertando o povo da necessidade de renovação, de aumento de nossas bancadas nas Assembléias Legislativas, na Câmara Federal e no Senado da República, para que pudessemos influir nas decisões nacionais.

Apontávamos o atual sistema como responsável pelo sufocante custo de vida, pela injustiça expropriadora da política habitacional, em que a correção monetária nos condena a um endividamento perpétuo e sempre crescente, pela política salarial impiedosa, pelas deficiências de assistência médica, hospitalar....

Enfim, muitos argumentos tivemos a nosso favor para conquistarmos a preferência do povo, valendo-nos, ainda, do descontentamento e da revolta gerados no povo pelo nosso opositor (Djalma Marinho), quando procurou sempre desdenhar, humilhar, menosprezar nosso candidato a senador, o Sr. Agenor Nunes de Maria.

P. — As próximas eleições para Governador deverão ser diretas. A Senhora pensa em candidatar-se?

R. — As próximas eleições, de acordo com a Constituição, serão diretas. Sendo meu marido um dos fundadores do MDB no Rio Grande do Norte, fui das primeiras eleitoras a me filiar ao Partido oposicionista, logo no início de sua fundação. Como ele é um dos maiores entusiastas da promoção social-política da mulher, haja vista ter até um projeto dando direito a mulher de ingressar voluntariamente nos diversos quadros e corpos das Forças Armadas, naturalmente contaria com a sua pronta aquiescência e total apoio a minha candidatura. No entanto ainda não tenho esta pretensão. Acredito ser remota esta possibilidade. Mas, de qualquer modo, ficaria condicionada à decisão do Partido.

P. — A Senhora é contra o divórcio?

R. — Não sou favorável, como não sou radicalmente contra. Para os que se unem

Entrevista a João Emílio Galvão

na Igreja e sob as bênçãos de Deus, fazendo do matrimônio uma união indissolúvel, o divórcio não deverá ser adotado. Todavia, entendo que ele possa ser adotado para os que se casam apenas civilmente.

P. — E o aborto induzido, como a Senhora vê?

R. — Um homicídio. Acho desnaturada, desalmada a mãe que provoca o aborto. Uma vez gerada a vida, deverá ser levada a termo.

P. — O casamento é uma instituição falida?

R. — Absolutamente. O casamento como sacramento, alicerçado no Amor, unindo almas, corações, vidas e corpos, continua sendo o sustentáculo da sociedade. Há, sim, falência de uniões de pessoas despreparadas, imaturas, egoístas, que vão para o casamento em busca de interesses materiais, pessoais, querendo o melhor para si, sem pensar em dar-se ao outro, em procurar a felicidade do outro.

P. — A Senhora acompanha o rigor da moda?

R. — Não. Uso apenas o que gosto, o adequado a minha idade e ao meu tipo.

P. — O que precisa o Nordeste para alcançar o desenvolvimento experimentado pelo Sul?

R. — Na minha opinião, o verdadeiro desenvolvimento, o desenvolvimento democrático, implica necessariamente na redução de nossa pobreza, do desemprego, da desigualdade social. Construindo-se mais estradas, abrindo-se mais escolas, instalando-se mais indústrias, ficaremos em igualdade de condições. Riquezas naturais nós possuímos.

P. — Quantos filhos a Senhora tem?

R. — Cinco filhos. Olímpia (Maria) (22 anos), casada com Carlos Alberto da Rocha, residente em Campinas, S. Paulo; Noêmia de Fátima (21 anos) universitária; Eustáquio José (19 anos) secundarista de Administração; Marcílio Dias (18 anos), pré-universitário; e Marinês (17 anos), também pré-universitária. Tenho, ainda, um netinho de 3 anos, que completa nossa alegria, nossa felicidade.

P. — O que a Senhora acha da educação moderna? Aplica os novos métodos aos seus filhos?

R. — Sim. Nos tratamos como bons amigos e mantemos o melhor relacionamento. Quando pequenos procurei moldá-los dentro dos princípios cristãos, plasmando a personalidade de cada um de acordo com suas tendências, com as exigências prementes de nosso tempo. Nosso lema sempre foi: liberdade com responsabilidade.

P. — Como seu marido, deputado Pedro Lucena, encara sua eleição?

R. — Como um acontecimento cívico, que, mais uma vez elevou o nome da mulher norte-riograndense, dando-lhe maior projeção no cenário sócio-político do Rio Grande do Norte e do Brasil. Foi ele um dos maiores incentivadores de minha candidatura.



D. Maria das Neves Lucena, a primeira mulher que chega ao Senado.